



ARTÍCULO

**Prática Discursiva Ideológica no Filme
Invictus e a Construção do Estado-nação
na África do Sul**

*Ideological Discursive Practices in the Invictus
Film and the Construction of the Nation-
Estate in South Africa*

LUCÉRIO SARMENTO GUNDANE

Universidade Save / Universidade Federal de Santa Catarina
Moçambique

Recebido: 18 de abril de 2024 | Aceito: 16 de maio de 2024

DOI: 10.35956/v.24.n2.2024.p.84-98

RESUMO

O estudo analisa a prática discursiva (metadiscursos) ideológica das personagens de raça branca vs. raça negra no filme *Invictus* no âmbito da construção do Estado-nação na África do Sul. São analisados os fenômenos, linguísticos e extralinguísticos, de natureza sociocultural, identitária e ideológica. O quadro teórico é pós-colonial (Said 1996), modernista (Fairclough 2001, Irvine e Gal 2000; 2019; Woolard 2021; Heller; McElhinny, 2017 e Bourdieu 2008). A pesquisa é qualitativa, de paradigma interpretativo (Mckinley 2020). Durante a análise do *corpus*, foi usado o método filológico, a análise estilística, semiótica e hermenêutica. Discutido o *corpus*, o estudo mostra que a língua tem um poder de mudar e transformar os comportamentos sociais dos sujeitos envolvidos. O imaginário, as representações socioculturais e ideológicas envolvem a transformação da relação dum signo entre recursos linguísticos e as imagens sociais com as quais eles estão ligados. Por isso, o estudo assume a prática discursiva de Madiba como ideológica, pois é um discurso investido ideologicamente, que incorpora significações que contribuem para reestruturar as relações de poder.

PALAVRAS CHAVE: *Ideologias Linguísticas. Invictus. Estado-nação. Discurso.*

RESUMEN

El estudio analiza la práctica discursiva ideológica (metadiscursos) de personajes blancos y negros de la película *Invictus* en el contexto de la construcción del Estado-nación en Sudáfrica. Se analizan fenómenos lingüísticos y extralingüísticos de carácter sociocultural, identitario e ideológico. El marco teórico es poscolonial (Said 1996), modernista (Fairclough 2001, Irvine y Gal 2000; 2019; Woolard 2021; Heller; McElhinny, 2017 y Bourdieu 2008). La investigación es cualitativa, utilizando un paradigma interpretativo (Mckinley 2020). Durante el análisis del corpus se utilizó el método filológico, análisis estilístico, semiótico y hermenéutico. Habiendo discutido el corpus, el estudio muestra que el lenguaje tiene el poder de cambiar y transformar los comportamientos sociales de los sujetos involucrados. Las representaciones imaginarias, socioculturales e ideológicas implican la transformación de la relación de un signo entre los recursos lingüísticos y las imágenes sociales con las que se vinculan. Por lo tanto, el estudio asume la práctica discursiva de Madiba como ideológica, en tanto que es un discurso investido ideológicamente, que incorpora significados que contribuyen a reestructurar las relaciones de poder.

PALABRAS CLAVE: *Ideologías Lingüísticas. Invicto. Estado nacional. Discurso*

ABSTRACT

The study analyzes the ideological discursive practice (metadiscourses) of the white and black characters in the film *Invictus* within the context of the construction of the nation-state in South Africa. Linguistic and extralinguistic phenomena, of a sociocultural, identity and ideological nature are analyzed. The theoretical framework is post-colonial (Said, 1996), modernist (Fairclough 2001,

Irvine and Gal 2000; 2019; Woolard 2021; Heller; McElhinny, 2017 and Bourdieu 2008). The research is qualitative, using an interpretative paradigm (Mckinley 2020). During the analysis of the corpus, the philological method, stylistic, semiotic and hermeneutic analysis were used. Having discussed the corpus, the study shows that language has the power to change and transform the social behaviors of the subjects involved. The imaginary, sociocultural and ideological representations involve the transformation of the relationship of a sign between linguistic resources and the social images with which they are linked. Therefore, the study assumes Madiba's discursive practice as ideological, as it is an ideologically invested discourse, which incorporates meanings that contribute to restructuring power relations.

KEYWORDS: *Linguistic Ideologies. Invictus. Nation-State and Discourse.*

Introdução

Integrado nos estudos sócio-pragmáticos do discursivo, tendo ideologias linguísticas e Estado-nação como referenciais teóricos, a partir da perspectiva analítica, sócio-histórica e interdisciplinar, o estudo analisa a prática discursiva (metadiscursos) ideológica das personagens de raça branca vs. raça negra no filme *Invictus* no âmbito da construção do Estado-nação na África do Sul, uma obra audiovisual que constitui uma adaptação para o cinema do livro “Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul”, de John Carlin (“*Playing the enemy: Nelson Mandela and the game that made a nation*”).

Especificamente, são analisados os fenômenos lítero-musicais, semióticos, linguísticos e extralinguísticos, de natureza social, identitária, ideológica e cultural, com enfoque no contexto sócio-histórico representado no filme.

Para o efeito, o problema que se impõe no estudo é o seguinte: como se constrói a prática discursiva de Madiba em *Invictus*? Que ideologias linguísticas subjazem dos metadiscursos das personagens de raça branca e negra no filme *Invictus*? Como são construídos e interpretados os discursos da personagem central, Morgan Freeman, com vista à construção de um Estado-nação anti-racial e etnolinguisticamente dividido?

Durante o estudo, por um lado, foi adotada a abordagem de Bourdieu (2008), a fim de se analisar o poder da língua nas suas relações com os diversos aspectos sociais e as múltiplas relações entre língua (línguas nativas sul-africanas vs. Inglês) e poder, vigentes no filme. Por outro lado, visando explicar as diversas convenções sociais e culturais como produtos de relações de poder, de desigualdades sociais, linguísticas e econômicas, o estudo centrou-se na análise crítica de discurso de Fairclough (2001).

Visto que alguns episódios do filme são visíveis questões referentes ao protagonismo imposto na dupla relação entre línguas nativas vs. língua do colonizador (língua do capitalista, do imperialista, etc., as perspectivas de Heller e McElhinny (2017) e de Said (1996) foram fundamentais para a descrição de vários discursos estereótipos, exóticos e de subalternização do ‘Outro’ por parte das personagens de raça branca.

Neste sentido, o estudo recorreu a Irvine e Gal (2000; 2019) e Woolard (2021) para descrever aspectos ideológicos, como, por exemplo, alguns processos semióticos através dos quais as pessoas constroem representações ideológicas, nomeadamente: iconização e apagamento. Note-se que estes processos foram importantes durante a interpretação não só das representações sobre as línguas nativas vs. língua inglesa, como também das múltiplas ligações dos fenômenos sociais de natureza identitária (etnias, raça, nação) referentes às personagens do filme.

Assim, visto que autores como (Helal; Amaro 2011; Cunha 2012; Melo; Albuquerque 2016) analisaram criticamente o filme, visando mostrar como a história da Copa do Mundo de Rugby de 1995 foi retratada no filme *Invictus*, espera-se que este estudo seja uma mais-valia a nível da teoria discursiva e sociolinguística, pois, constitui mais um instrumento de consulta de questões concernentes a temáticas que incidem sobre a segregação racial em países africanos pós-independentes e, sobretudo, por mostrar o poder do discurso na unificação e construção de uma identidade coletiva de um Estado-nação.

Relativamente à metodologia, foi adotada a perspectiva analítica, sócio-histórica e a abordagem interdisciplinar com vista à análise de fenômenos lítero-musicais, linguísticos e extralinguísticos, de

natureza social, identitária, ideológica e cultural, com enfoque no contexto sócio-histórico descrito no filme. A pesquisa é qualitativa e a análise e interpretação do *corpus* desenvolveram-se por meio do método de análise de conteúdo (Bardin 1977), método filológico, análise estilística, semiótica e hermenêutica. Por último, a discussão de dados seguiu o paradigma interpretativo (Mckinley 2020).

Quanto à estrutura, o estudo está organizado em três seções, nomeadamente: a primeira seção, que constitui a presente introdução, procede à delimitação dos objetivos, do problema, da justificativa, da teoria de base e da metodologia; segue a segunda seção com o quadro teórico assente na conceitualização de ideologias linguísticas e de Estado-nação; a terceira seção é referente à apresentação, análise e discussão de dados; no fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Ideologias linguísticas: conceitualização

Com vista a analisar as ideologias linguísticas que subjazem dos metadiscursos das personagens de raça branca vs. raça negra no filme *Invictus*, primeiro, esta subseção apresenta diversas abordagens sobre as ideologias linguísticas. Para Fairclough (2001), as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Por seu turno, Woolard (2021) refere que as ideologias linguísticas são representações, interpretadas moral e politicamente, que refletem a natureza, a estrutura dos usos da linguagem no mundo social. Elas não ocorrem somente nas construções mentais ou nas verbalizações, mas também são incorporadas em disposições e práticas e em fenômenos materiais como representações de caráter visual. Sendo raramente homogêneas em contextos socioculturais, as ideologias linguísticas são moral e politicamente vistas, uma vez que, implícita ou explicitamente, elas representam não apenas o que as línguas são, mas como elas deveriam ser.

As ideologias linguísticas dependem de alguns processos semióticos e sociais, como é o caso da indexicalização, em que os usuários das línguas associam as formas linguísticas com os falantes particulares ou com os contextos em que elas ocorrem. Embora se reconheça que a indexicalização constitua o fundamento da teorização das ideologias linguísticas, destacam-se outros processos semióticos, como é o caso de *qualia*, um conceito filosófico recentemente discutido por Peircian, usado para analisar as qualidades fenomenológicas atribuídas à iconização das formas linguísticas; e *chronote*, relacionado com a diferenciação linguística, proposto por Bakthin (Woolard 2021).

Kroskrity (2004) citado por Moita Lopes (2013) sustenta que as ideologias linguísticas são crenças ou sentimentos sobre as línguas como são usadas em seus mundos sociais. No mesmo diapasão, Irvine e Gal (2000) argumentam que as ideologias linguísticas são ideias com as quais participantes e observadores (linguistas, etnógrafos, elaboradores de políticas linguísticas públicas e de currículos para o ensino de línguas) enquadram suas compreensões das variedades linguísticas e projetam essas compreensões nas pessoas, eventos e atividades que são significativas para eles.

Irvine e Gal (2000) exploram como as ideologias dos participantes podem contribuir para o fenômeno ‘mudança linguística’, procurando perceber, por um lado, de que forma as ideologias dos descritivistas têm consequências durante a descrição das linguagens e, por outro lado, como

as ideologias linguísticas são tomadas para autorizar ações com base na relação linguística de diferença. Por isso, visando mostrar que as características linguísticas são vistas como o reflexo das imagens culturais dos indivíduos, as autoras apresentam três processos semióticos através dos quais as pessoas constroem representações ideológicas, designadamente: iconização, recursividade fractal e apagamento.

Por fim, segundo Moita Lopes (2013), as ideologias linguísticas são múltiplas e advêm de perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas. Como exemplo, as crenças puristas que valoram negativamente os empréstimos de uma língua noutra constituem ideologias linguísticas. A ideologia linguística é motivada por interesses específicos, valores e visões do mundo e do ser humano.

Depois desta breve discussão em torno de ideologias linguísticas, pode-se notar que não existe uma e única definição sobre este conceito, não obstante, os autores aqui explorados focalizam aspectos comuns segundo os quais as ideologias linguísticas são variadas, multifacetadas, refletem interesses socioculturais e implicam, necessariamente, a construção de identidades individuais ou coletivas, ideias, visões, valoração, representações sociais, culturais e de linguagem em uso, descrições de pessoas e de objetos a partir de um ponto de vista subjectivo.

2. Estado-nação

Não constitui objetivo deste estudo discutir ou distinguir o conceito Estado do Estado-nação, ou ainda Estado do Estado-soberano, mas sim, trazer algumas reflexões que ajudem a definir Estado-nação.

De acordo com Bresser-Pereira (2017), Estado e Estado-nação, sociedade civil e nação, classes e as coalizões de classe são conceitos políticos situados no quadro da revolução capitalista que tende a acontecer em cada país, ou seja, da formação do Estado-nação e da revolução industrial nesse país. Cada povo que partilha uma etnia e uma história comum busca constituir-se em nação, controlar um território e construir seu próprio Estado, dessa forma, se constituindo em Estado-nação. Neste quadro, o Estado-nação é a sociedade política soberana e o Estado é a instituição maior de uma sociedade em sentido amplo. O Estado-nação ou país é um tipo de sociedade político-territorial soberana, formada por uma nação, um Estado e um território.

O Estado-nação pode ser definido como um tipo de organização política que mantém o monopólio administrativo sobre um território delimitado, sancionado por lei e por um controle direto dos meios internos e externos de violência. Um dos seus atributos é a capacidade de monitorar de forma reflexiva os aspectos da reprodução dos sistemas sociais subordinados ao seu domínio. O Estado opera com um aparato administrativo constituído por um conjunto de instituições de governo e por uma hierarquia de funcionários especializados (Giddens, 2008 citado por Ferreira, 2013).

Por seu turno, Bourdieu (1996) citado por Ferreira (2013) refere que o Estado se manifesta de forma objetiva, por meio de estruturas e mecanismos específicos e molda subjetividades ao desenvolver estruturas mentais, esquemas de percepção e pensamento.

Entretanto, ainda que se trate de conceitos que variam tendo em conta cada realidade ou contexto, os autores mostram que o Estado-nação é a sociedade política territorial soberana, constituída por uma nação, um Estado e um território. Tanto o Estado, quanto a nação, ambos conceitos implicam um povo politicamente organizado e estruturado, caracterizado por uma história e um destino comum.

3. Apresentação, análise e discussão de dados

Esta seção é a última e procede à apresentação, análise e discussão de dados. Primeiro, apresenta-se o enredo histórico, algumas notas sobre o filme *Invictus*; segue-se, ainda, com a descrição das ideologias linguísticas no filme *Invictus* e a construção do Estado-nação na África do Sul; visto que o filme é um discurso sobre a história, a penúltima subseção analisa o imaginário e as representações socioculturais e ideológicas; e a quarta subseção descreve os ritmos, a linguagem e a lírica, a partir da leitura intra-textual e estilística do filme.

3.1 O enredo histórico: algumas notas sobre o filme *Invictus*

Segundo Melo e Albuquerque (2016), *Invictus* é uma adaptação para o cinema do livro “Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul”, de John Carlin (“*Playing the enemy: Nelson Mandela and the game that made a nation*”, 2008), com Morgan Freeman no papel de Mandela e Matt Damon no de Pienaar. O filme retrata o período em que Mandela sai da prisão, em 1990, após 27 anos. São enfatizadas a participação vitoriosa da equipe sul-africana na Copa Mundial de Rugby, de 1995, e a habilidade de Nelson Mandela em utilizar o desporto como meio de integração social.

Helal e Amaro (2011) fazem uma análise do filme *Invictus*, discutindo a questão do papel do desporto como ferramenta para a promoção da integração nacional e da construção de uma identidade coletiva, acima de raças, credos e preconceitos. Entendem que para a construção identitária da nação sul-africana é o desporto verdadeiro protagonista. Ele é o meio pelo qual o objetivo político-social de Nelson Mandela se concretiza.

3.2. Práticas ideológicas no filme *Invictus* e a construção do Estado-nação na África do Sul

No filme, os embates raciais, resquícios do *apartheid*, que ocorriam em nível nacional também ocorrem ao redor de Mandela. Por exemplo, ao chegar no gabinete presidencial, pela primeira vez, ele se depara com os funcionários de raça branca, empacotando seus pertences por esperarem demissões em massa. Mandela pede que Brenda, sua secretária, os reúna. Diante disso, ele passa uma mensagem tranquilizadora para todos e pede que eles fiquem e contribuam para as mudanças que ocorreriam no país. Vê-se, também, a indignação de Jason Tshabalala, o chefe de segurança de Mandela, pela nomeação de quatro seguranças de raça branca para compor a equipe. Justificando tal decisão, no seu discurso, Mandela diz: “A Nação arco-íris começa aqui. A reconciliação começa aqui [...] O perdão também começa aqui” (Helal; Amaro 2011).

Note-se que durante o filme, as personagens de raça negra usam o nome Madiba, da língua¹ Zulu, no lugar do nome oficial do presidente, Nelson Mandela, fato não concordado pelos oficiais de raça branca, razão pela qual estes sempre o chamaram de “Sr. Presidente”. “...vamos chamá-lo

1 “A língua define-se como um código, entendendo, por isso, a criação de correspondências entre ‘imagens auditivas’ e ‘conceitos’. A língua é uma pura passividade” (Ducrot; Todorov, 1982: 152).

de Sr. presidente”, evidenciando-se, neste discurso, a construção de uma ideologia em que subjaze à subalternização do nome autótone.

O recurso aos nomes na língua nativa mostra a afeição da população negra pelo presidente, visando garantir a manutenção da sua identidade sociocultural. Por isso, refletindo na perspectiva social da linguagem, argumenta Kristeva (2007: 19) que a “língua é a parte social da linguagem exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo indivíduo falante e parece obedecer às leis do contrato social que é reconhecido por todos os membros da comunidade”.

A língua está isolada do conjunto heterogêneo da linguagem: deste retém apenas um sistema de signos em que o essencial é só a união do sentido e da imagem acústica. Sustenta, ainda, Carvalho (2008: 83), que a “língua não é apenas um veículo de transmissão de informação, mas instrumento de poder. Em muitos momentos da história da humanidade, é possível observar o domínio de um grupo social sobre outros por meio da imposição da sua língua”, ou seja, a língua dominante é vista como elemento de poder e constitui um importante sustentáculo de massificação das culturas que se pretende que sejam dominantes (Macaringue 2020; Gundane; Chilundo 2024).

É importante que se olhe, além do sistema linguístico, para o sistema e a ordem social, onde a língua e a identidade são vistas como produtos discursivos e ideológicos da interação social e performances situadas de constituição de significado não fixas, socialmente construídas, múltiplas, variáveis, contraditórias e restritas por fronteiras simbólicas e materiais desigualmente definidas. A língua é uma forma de capital simbólico, um material e um instrumento de poder da luta pela definição do falante legítimo e do ator social que controla a produção e a distribuição de recursos (Silva 2013).

É um fato que o nome desempenha uma função social e cultural em cada comunidade linguística. Além do presidente Mandela, repare-se que tanto o nome do chefe de segurança, como o da secretária do presidente, são, também, de origem Zulo, Tshabalala e Brenda, respectivamente (a diferença cultural é, sem dúvida, o produto de uma dialética histórica da diferenciação cumulativa. Bourdieu 2008). Este cenário é transversal na África do Sul, na medida em que, independentemente da tribo ou etnia, os sul-africanos, como tradição dos seus valores culturais, têm um nome tradicional com o qual se identificam, que é usado inclusive em contextos oficiais.

Paralelamente ao exposto acima, Agha (2003) sustenta que o valor cultural não é uma propriedade estática de coisas ou pessoas, mas, sim, um conjunto de práticas sócio-historicamente localizáveis, incluindo práticas discursivas, que impregnam formas culturais com signos reconhecíveis, que trazem valores em circulação ao longo de trajetórias identificáveis no espaço social.

Durante o filme, com um discurso rico, uma eloquência convincente e uma retórica invejável, Nelson Mandela tinha de lutar contra o aumento da criminalidade e contra as desigualdades sociais, como também pelo desespero tal como se pode ver na seguinte passagem do filme: “...se vocês quiserem sair, esse é o vosso direito...se sentir, em seu coração, que não pode trabalhar com um novo governo, pode sair, mas se você está fazendo as malas, porque tem medo que sua língua, sua raça ou cor da pele, ou para quem trabalhava antes.....eu estou aqui para lhe dizer não tenha medo...passado é passado, olhemos para o futuro”. Destaca-se, aqui, um discurso motivador, encorajador, de direcionamento à esperança² e de um futuro promissor e, como assevera Bourdieu

2 Veja-se Silva e Lee (2021), sobre a Sociolinguística de Esperança.

(2008), a especificidade do discurso de autoridade (sermão) reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio.

A equipa do *Springboks* de rugby, que constitui um dos episódios centrais do filme, um desporto de influência da colonização britânica em África, é uma equipe de preferência dos brancos. Do ponto de vista histórico, cabe lembrar que o futebol, conhecido pelos sul-africanos como ‘*The People’s Game*’, sempre teve a preferência dos negros, a maioria da população sul-africana, mesmo que sua seleção nacional não figurasse nem entre as melhores de seu continente (Helal; Amaro 2011). Este cenário é bem evidente no filme, sobretudo quando Madiba é confrontado pelo seu assessor de raça negra (Ministro do Desporto) com vista a deixar de apoiar os *Springboks* e passar a investir no futebol.

Portanto, o filme mostra de forma clara que o rugby era o jogo favorito dos brancos e não era apreciado pelos negros, visto que estes torciam sempre por qualquer adversário que jogasse contra os *Springboks*. Como estratégia, Mandela propõe a François Pienaar (Matt Damon), capitão da equipe, que inicie o processo de transformação da equipa e, ao mesmo tempo, fazer com que a população se una e apoie os *Springboks*; ou seja, Madiba usa a equipa do *Springboks*, constituída maioritariamente por brancos, para unir o povo racialmente dividido, pois, é notável, durante os jogos, o uso de bandeiras que remetem ao *apartheid* em detrimento da bandeira nacional.

3.3. O imaginário e as representações socioculturais e ideológicas

Assim, tendo em conta o exposto acima, num dos episódios do filme, uma missionária ao serviço de apoio às crianças negras oferece uma camisola de *Springboks* a uma das crianças. Contudo, a criança rejeita a camisa e sai a correr. Diante deste cenário, questiona-se: que ideologias estão por detrás da simples camisola? Naturalmente, este fenómeno remete ao processo semiótico – iconicidade. A iconização envolve a transformação da relação dum signo entre recursos linguísticos e as imagens sociais com as quais eles estão ligados (Irvine; Gal 2000). Neste sentido, a rejeição da camisola dos *Springboks* mostra, efetivamente, que os significados dos objetos são construídos social e culturalmente, i. e., este objeto (camisola), para a comunidade sul-africana, eventualmente, ‘carregue’ consigo imagens coloniais³ e, por seu turno, represente o *apartheid*, a opressão do negro.

Este fenómeno pode também ser interpretado à luz da abordagem colonial de Said (1996), visto que, conforme o autor, a força cultural não é uma coisa que se pode discutir facilmente. O

3 A partir de Hall (2000) citada por Heller e McElhinny (2017) tem-se a definição do colonialismo como o padrão de exploração e descoberta, de assentamento, de dominação geográfica sobre “outros”, que resultou no desenvolvimento desigual de formas de capitalismo em todo o mundo e na destruição e/ou transformação de outras formas de organização social e de vida. Para esta historiadora, o colonialismo pode ser: ultramarino, cujo foco é a extração dos recursos minerais e humanos; colonialismo do ‘colono’, em que os estrangeiros se movem e ocupam terras alheias e colonialismo interno, que envolve construções semelhantes de periferias e diferenças sociais na legitimação da extração de recursos e na mobilização do trabalho forçado, mas dentro das fronteiras da metrópole.

orientalismo surgiu como um exercício de força e poder. O orientalismo também reforçava e era reforçado pelo conhecimento seguro de que a Europa ou o Ocidente dominava a vasta maioria da superfície da terra.

Em conformidade com Fairclough (2001), o discurso, como modo de prática política e ideológica, estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. A título de exemplificação, numa das passagens do filme, enquanto a nação propunha a dissolução da equipa dos *Springboks*, Madiba impõe um discurso de restauração dos *Springboks*, seu nome, seu emblema, suas cores e o hino nacional. Madiba ensina a compaixão, a generosidade e não a vingança; ensina uma boa filosofia de liderança.

Como argumenta Fairclough (2001: 91), “o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como identidades sociais. O discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas”. Por exemplo, no filme, num dos discursos de Mandela, “...precisamos de inspiração para construir a nação através do hino nacional *Nkosi sikelele Áfrika*, ‘Deus abençoe África’, percebe-se que entoação do hino nacional em Zulo e não em Inglês por parte da equipa dos *Springboks* mostra a unificação e a superação das diferenças entre os negros e os brancos, dando-se valoração à língua nativa.

Repare-se também que a mudança do hino nacional de Inglês para Zulo levanta questões ligadas à valoração das línguas nativas sul-africanas não em termos de mercado (veja-se Park, 2021⁴ sobre a relação entre o Inglês e o neoliberalismo, relação entre língua e economia política), mas, principalmente em termos de poder simbólico, cultural, social e ideológico que estas línguas representam na cultura sul-africana.

Outros exemplos no filme aliados a este fenómeno têm que ver, p. e., com o nome do jogador, Chester, de origem britânica, o único negro da equipa dos *Springboks*; a inclusão da equipa dos *Springboks* nas comunidades com vista ao treinamento das crianças negras; as interpretações de canções em Inglês e em Zulo. Para Luz (2013), este hino que servia de estímulo e carregado de perseverança para os negros foi cantado pela torcida da equipa, em coro, todos os jogadores cantavam em Zulu.

Contudo, uma das questões que se coloca neste estudo centra-se no fato de, das 11 línguas sul-africanas⁵, com o mesmo estatuto (línguas oficiais), que implicações e motivações sociais, ideológicas, políticas e culturais intervêm na escolha da língua Zulo (apagamento de outras línguas, Irvine; Gal 2000) para a composição da letra do hino nacional?

Lembre-se que na visão de Bourdieu (2008), a língua oficial está enredada com o Estado, tanto em sua gênese como em seus usos sociais. É no processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas etc.).

4 Park (2021) discute questões de valoração das línguas em termos de mercado, criticando e mostrando como o Inglês é visto e promovido na nova economia global.

5 Inglês, Afrikaans, Ndembele, Pedi, Swati, Sotho, Tsonga, Tswana, Venda, Xhosa e Zulo.

3.4. *Ritmos, linguagem e lírica predominantes no filme*

Fazendo uma análise minuciosa das formas musicais tendo em conta a história da África do Sul, país representado no filme, os ritmos e as músicas vigentes nalguns episódios do filme constituem canções populares sul-africanas e de outros povos africanos. A temática destas canções centra-se no espírito de reconciliação. Ao longo do filme, é recorrente o uso da canção *Chocholosa*, uma música sagrada que embala as torcidas do povo sul-africano.

São, também, comuns, durante o filme, as práticas comunicativas de translanguagem (García; Wei 2014), hibridismos (Gundane 2022) nos nomes de lojas (*Zuki's Liquor Store*)⁶. Em conformidade com Moita Lopes (2013), a hibridação, a mestiçagem, a superdiversidade e a mistura linguístico-identitária são cada vez mais evidenciadas nas práticas comunicativas, sendo necessária uma linguagem das práticas e dos contatos em posição a uma linguística das comunidades e da estrutura interior das línguas.

Para Bourdieu (2008: 23/4), “as trocas linguísticas são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos”. Por isso, conforme Fairclough (2001), o discurso e a linguagem são de importância central nos processos sociais da sociedade moderna.

Observe-se que na parte final do filme, sobretudo o episódio que retrata o fim do jogo que dá vitória à equipa dos *Springboks*, a escolha de Chester, negro, para fazer uma oração em Inglês e não na sua nativa (Zulo) evidencia o papel desenvolvido pelos missionários europeus durante a expansão mercantil (ensino de práticas religiosas de ideologia ocidental). Por um lado, ainda que Said (1996) destaque o fato de o europeu, no que podia dizer sobre o Oriente, ser, consequentemente, um racista, um imperialista e, quase totalmente um etnocentrista⁷.

No âmbito da expansão mercantil, os missionários cristãos, muitas vezes, acompanhavam os exploradores europeus. Os missionários debateram uma série de questões linguísticas, incluindo se as línguas indígenas eram adequadas para a pregação do evangelho, como mudar as línguas indígenas para torná-las adequadas para o cristianismo. Ao trabalhar com essas questões, os missionários implantaram ideologias linguísticas, aprenderam o Latim, o Grego e Hebraico enquanto construíam hierarquias civilizacionais associadas com a linguagem escrita e oral, e com culturas e línguas cristãs vs. pagãs (Heller; McElhinny 2017).

Por outro lado, se se prestar atenção às duas músicas no final do filme, verifica-se a mistura de códigos⁸ (Zulo vs. Inglês). Numa mesma música, numa única melodia, de ritmo tipicamente africano, os dois sistemas fluem e dinamizam a mensagem e a temática principal do filme – recon-

6 Gundane (2022) mostra que significado dos nomes das lojas não está fixado nas próprias palavras, nem nas frases, mas sim, é construído em função do contexto histórico, cultural, social ideológico, político e humano.

7 A partir do seu estudo que incidia sobre história literária com enfoque para a literatura colonial em Moçambique, Gundane (2019) mostra que às 3 características acima avançadas por Said subjazem motivações culturais, políticas e ideológicas e atravessaram praticamente todo o texto colonial.

8 Sobre *code-switching* e *code-mixing* veja-se Bonnin e Unamuno (2021).

ciliação. Neste sentido, o uso destas línguas desmantela a ideia de linguagem como um pressuposto ontológico para analisar as práticas e competências de um ponto de vista diferente (Vallejo; Dooly 2020 citados por Bonnin; Unamuno 2021).

Nas teorizações contemporâneas sobre a linguagem, as características linguísticas são vistas como o reflexo das imagens culturais dos indivíduos. Entretanto, há que se encarar a linguagem como uma prática social e cultural, como um sistema de ações simbólicas (Fabrício 2006; Gal; Irvine 2019).

Ainda nos ritmos musicais, são notáveis os sons (cliques) de origem bantu, aspectos e características típicas e intrínsecas que atravessam as componentes fonético-fonológicas e morfossintáticas das línguas do grupo bantu (Guthrie 1967-71). O compositor socorre-se de vários instrumentos tradicionais de que se cruzam vários aspectos identitários da cultura sul-africana, trazendo valores e símbolos socioculturais evidenciados pelas línguas Zulo e Xhosa nas canções.

Repetido (anáfora) várias vezes no filme o discurso “...eu sou o dono do meu destino, sou capitão da minha alma”, este constitui-se numa metalinguagem própria, cuja ênfase recai na subjetividade do próprio sujeito enunciador, i. e., Madiba é uma personagem esférica e protagonista do enredo histórico (Aguiar e Silva 2007). Sobre este fato, Fairclough (2001) atribui um papel fundamental para o discurso na constituição dos sujeitos sociais. Por implicação, as questões de subjetividade, identidade social e domínio do ‘eu’ devem ser do maior interesse nas teorias de discurso e linguagem.

Considerações finais

O estudo objetiva analisar a prática discursiva (metadiscursos) ideológica das personagens de raça branca vs. raça negra no filme *Invictus* no âmbito da construção do Estado-nação na África do Sul, visando compreender como são construídos e interpretados os discursos da personagem central, Morgan Freeman, com vista à construção de um Estado-nação anti-racial e etnolinguisticamente dividido.

Durante o estudo, a análise discursiva das personagens não só se circunscreveu na dimensão linguística, como também envolveu aspectos semióticos e estilísticos, porque em muitas passagens do filme, o embate racial atravessa as dimensões linguísticas, culturais, sociais, políticas e ideológicas, tendo em conta o momento histórico que é tratado no filme. Porém, em todas as dimensões, o discurso do protagonista volta-se à restauração e à unificação da nação.

No que diz respeito à dimensão linguística, como se pôde ver no filme, a língua tem um poder de mudar e transformar os comportamentos sociais dos sujeitos envolvidos. Por isso, em termos de relações de poder, o discurso de Madiba é ‘transformador’ e ‘reconciliador’ e contribuiu para redução das desigualdades sociais, culturais e políticas do povo sul-africano representado no filme. As práticas linguísticas e/ou discursivas dos diferentes atores desempenham um papel crucial nas comunidades de fala, podendo, em muitas situações, ter motivações históricas, religiosas, ideológicas, culturais, políticas, económicas, sociais, entre outras.

Concluindo, discutido o *corpus* do filme, com base nas abordagens de Fairclough (2001), o estudo assume a prática discursiva de Madiba como ideológica, visto que é um discurso investido ideologicamente, que incorpora significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder, num contexto (Estado) totalmente dividido, racial e culturalmente, pois é um discurso

que contribui na constituição dos sujeitos sociais. Por implicação, as questões de subjetividade, identidade social e domínio do eu devem ser do maior interesse nas teorias de discurso e linguagem.

Desta forma, os autores que fundamentam a discussão do *corpus* representam uma importante contribuição teórica para a análise crítica e social do discurso, pois, recuperando a abordagem de Bourdieu (2008), os usos sociais da língua devem seu valor propriamente social ao fato de se mostrarem propensos a se organizar em sistemas de diferenças, reproduzindo o sistema das diferenças sociais na ordem simbólica dos desvios diferenciais. Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes.

Referências bibliográficas

- AGHA, A. 2003. The social life of cultural value. *Language & communication*, v. 23 (3-4), p. 231-273.
- AGUIAR e SILVA, V. M. de. 2007. *Teoria da Literatura*. 8ª Ed. Coimbra: Livraria Almedina.
- BARDIN, L. 1977. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BONNIN, J.; UNAMUNO, V. 2021. Debating translanguaging: A contribution from the perspective of minority language speakers. *Language, Culture and Society*, n. 3(2), p. 231-254.
- BOURDIEU, P. 2008. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da USP.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. 2017. Estado, estado-nação e formas de intermediação política. *Lua Nova*, São Paulo, v. 100, p. 155-185. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-155185/100>
- CARVALHO, J. 2008. A Construção da Identidade de uma Nação por Meio da Língua Escrita e Falada. *Revista Fórum Identidades*, v. IV. UFS: Gepiadde.
- CARVALHO, J. 2018. A Construção da Identidade de uma Nação por Meio da Língua Escrita e Falada. *Revista Fórum Identidades*, v. IV. UFS: Gepiadde.
- DA CUNHA, L. L. 2012. *Reflexões da era apartheid e pós-apartheid na comunicação contemporânea*. (Trabalho de conclusão de curso não publicado). Curso de Comunicação Social. São Paulo: UAM.
- DA LUZ, N. 2013. *Por dentro da África*. Disponível em: <https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/shosholoza-a-musica-sagrada-que-embala-as-torcidas-sul-africanas>. Acesso em 8 de Agosto de 2022.
- DE MELO, R. M.; ALBUQUERQUE, A. 2016. “Invictus”: Uma lição sobre análise de contingências, p. 111-133. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309549713>. Acesso em 3 de Agosto de 2022.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. 1982. *Dicionário das Ciências de Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FABRÍCIO, B. F. 2006. Lingüística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: descrições em curso: In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 45-65.

- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FERREIRA, L. O. 2013. Estado-Nação, poder e modernidade: revisitando conceitos. *Medicinas indígenas e as políticas da tradição: entre discursos oficiais e vozes indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 29-48.
- GARCÍA, O.; LIN, A. M. Y. 2016. Translanguaging in bilingual education. In: GARCÍA, O; A. M. Y. Lin.Y; May, S. (Eds.). *Bilingual and Multilingual Education – Encyclopedia of Language and Education*. Switzerland: Springer, p. 117-130.
- GUNDANE, L. 2019. O ideário naturalista do século XIX. Perspectiva teórica na representação em “Zambeiana-Cenas da Vida Colonial”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. N 36, Série IV, p. 20-37.
- GUNDANE, L. 2022. As Intersecções Semântico-pragmáticas no Léxico: uma Análise das Escritas Fixas em Bancas e/ou Barracas na Cidade de Maxixe – Moçambique. In: LANGA, C.; TIMBANE, A. (Eds.). *Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique*. Itapiranga/SC: Schreiber, p. 118-134.
- GUNDANE, L.; CHILUNDO, N. 2024. Ideologias e atitudes linguísticas para ensino do Gitonga na Escola Primária do 1.º e 2.º Graus de Marrambone– Moçambique. In: SEVERO, C. G.; NHAMPOCA, E. A. C.; BERNARDO, E. P. J. (Org.). *Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos*. Belo Horizonte: Mazza edições, p. 66-93.
- GUTHRIE, M. 1967-71. *Comparative Bantu: An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages*. Hants: Gregg International Publishers.
- HELAL, R.; AMARO, F. 2011. Construindo a Nação Arco Íris1: esporte e identidade nacional em *Invictus*. *Lumina*, v. 5, nº1, p. 1-14.
- HELLER, M.; MCELHINNY, B. 2017. *Language, capitalism, colonialism: toward a critical history*. University of Toronto Press.
- IRVINE, J.; GAL, S. 2000. Language ideology and linguistic differentiation. KROSKRITY, P. V (ed.), *Regimes of language: Ideologies, politics, and identities*. School of American Research Press, p. 35-84.
- IRVINE, J.; GAL, S. 2019. *Signs of difference: Language and Ideology in Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KRISTEVA, J. 1998. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- MACARINGUE, I. E. 2020. Alfredo. *Políticas linguísticas e políticas educacionais: Prefiguração e performatização de identidades em Moçambique*. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras). UNIOESTE: Foz do Iguaçu.
- MOITA LOPES, L. P. 2013. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. Parábola, p. 18-52.
- MOITA LOPES, L. P. 2013. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. São Paulo: Parábola, p. 18-52.

PARK, J. 2021. *In Pursuit of English: Language and Subjectivity in Neoliberal South Korea*. Oxford: Oxford University Press.

SAID, E. 1996. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. [Trad. Tomás Rosa Bueno]. São Paulo: Companhia de Letras.

SILVA, D.; LEE, J. 2021. Marielle, Presente': Metaleptic Temporality and the Enregisterment of Hope in Rio de Janeiro. In: *Journal of Sociolinguistics*, v. 25 (2), p. 179-97.

SILVA, E. 2013. Tensões sociolinguísticas na comunidade portuguesa/lusófona de Toronto. In: MOTA LOPES, L. P. (Org.). *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. São Paulo: Parábola, p. 169-191.

WOOLARD, K. A. 2021. Language ideologies. In: STANLAW, J. (Org.). *The International encyclopedia of linguistic Anthropology*.

LUCÉRIO SARMENTO GUNDANE. Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, membro titular da Associação das Universidades da Língua Portuguesa; docente de Linguística Teórica e Descritiva do Português e das Línguas Bantu.

Correo electrónico: luceriogundane@yahoo.com.br